

feições necessários. Daí resultou o Calendário Juliano, onde as inovações principais eram o início do ano em primeiro de janeiro, e definir-se a duração de trezentos e sessenta e cinco dias e um quarto. O ano, assim, deixava de ser lunar para ser solar.

Um erro, no entanto, perdurava. O ano solar não tem exatamente trezentos e sessenta e cinco dias e seis horas, e sim cinco horas, quarenta e oito minutos e quarenta e seis segundos.

Esta aparente nonaça fez o ano civil atrasar-se em relação ao curso do Sol. Era necessária outra reforma.

Quando o papa Gregório XIII foi eleito, em 1572, iniciou-se o trabalho que desde muito se impunha. Dois objetivos principais eram visados: corrigir o atraso, e evitá-lo no futuro. Cinco anos depois foi concluído o Calendário Gregoriano, tão aperfeiçoado que somente em 4915 será preciso eliminar um dia para corrigir o atraso, - o que, sem dúvida, nos tranquiliza.

Hoje se reclama nova reforma. Os eruditos afirmam que a data do nascimento de Cristo é incorreta. Os comerciantes desejam meses mais uniformes. O espírito humano, sempre insatisfeito, continua voltado para a contagem do tempo, como outrora o nauta contemplando o céu, ou o sacerdote, em Babilônia, estudando os astros. E continuará sempre, até vir o dia da narrativa bíblica, o sétimo dia destinado ao repouso, quando a nossa alma, livre enfim do tempo e das angústias terrenas, repousará na luz que resplandecerá ante nós como a de eterno meio dia.

Este livro foi impresso (com laudas datilografadas em polyester fornecidas pelos coordenadores) na Gráfica e Editora Universitária da UFPA
Trav. Ruy Barbosa, 491 — Reduto — 66 000 — Belém/PA

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

